

DIFERENTES MODALIDADES GÍMNICAS E SÍNDROME DE DOWN: REFLEXÕES POSSÍVEIS

GYMNASTIC DIFFERENT MODALITIES AND DOWN SYNDROME: POSSIBLE REFLECTIONS

Randson Pinto de Souza¹

Michelli Luciana Massolini Laureano²

RESUMO

A Educação Física tem se aprofundado nos estudos para a adaptação de atividades físicas que possam beneficiar a população que tenha alguma deficiência e as ginásticas vem a ser um conteúdo riquíssimo neste sentido. O objetivo deste trabalho foi refletir sobre esta temática por meio da investigação de como é aplicado o conteúdo das diferentes ginásticas, para crianças com Síndrome de Down (SD), em uma Escola de Educação Especial, no Baixo Amazonas. A amostra foi composta por 2 professores de educação física e 10 alunos com SD, de ambos os sexos na faixa etária de 11 a 40 anos. Para tanto, este relato de estudo de caso descritivo, utilizou da pesquisa de campo para obtenção dos dados e se aplicou a abordagem qualitativa para interpretação dos mesmos. Fez-se observação não participativa com registro em diários de campo e aplicou-se um questionário aos professores de educação física da escola investigada. Os resultados apontaram que as ginásticas na escola de educação especial investigada, no Baixo Amazonas, não são ministradas com frequência, que há a necessidade de adaptação de materiais e de espaço, que são insuficientes; os professores apresentaram diferentes níveis de conhecimento devido ao tempo de atuação na área, mas exibiram esforços para possibilitar diferentes vivências aos alunos com SD. Por ser uma característica desta deficiência, a instabilidade atlanto-axial deve ser investigada por meio de exames clínicos antes do início da prática das ginásticas e o professor deve ficar atento a este fator. Conclui-se que as ginásticas podem ser adaptadas as necessidades das pessoas com SD e que, para que isso ocorra, é indispensável conhecimento sobre a deficiência em questão e sobre as diferentes modalidades gímnicas. Além disso, ficou evidente que para que o trabalho seja consistente, deve sempre haver uma equipe multidisciplinar trabalhando em prol dessa população, visando melhoras na qualidade de vida da mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Ginásticas; Síndrome de Down; Ensino.

¹ Discente do curso de Educação Física do ICSEZ/UFAM, Parintins/AM, Brasil.

² Docente do curso de Educação Física do ICSEZ/UFAM, Parintins/AM, Brasil.

Av. Nações Unidas, 2571, centro, Parintins/AM, Brasil CEP 69.151-060.

E-mail: mix_rc@hotmail.com

Gymnastic different modalities and Down Syndrome: possible reflections

ABSTRACT

Physical education has deepened in studies to adapt physical activities that can benefit the people who has a disability and gymnastics becomes a rich content in this sense. The objective of this study was to reflect on this issue by investigating how the content is applied in different gymnastics for children with Down Syndrome (DS) in a Special Education School in the Baixo Amazonas. The sample was composed of two physical education teachers and 10 students with SD, of both sexes aged 11-40 years. Therefore, this report descriptive case study, we used the field survey to collect the data and applied qualitative approach to interpretation. There was no participatory observation diaries field and applied a questionnaire to physical education teachers of the school investigated. The results showed that the gymnastics school special education investigated in the Baixo Amazonas, are not often taught that there is a need for adaptation of materials and space, which are insufficient; teachers had different levels of knowledge due to the time of operation in the area but exhibited efforts to enable different experiences for students with SD. To be a characteristic of this deficiency, atlantoaxial instability should be investigated through clinical trials before beginning the practice of gymnastics, and the teacher must be aware of this factor. It can be concluded that gymnastics can be adapted to the needs of people with DS and that for this to occur, it is essential knowledge about the disability in question and about the different gymnastic disciplines. Furthermore, it was evident that the work is consistent, there must always be a multidisciplinary team working towards this population, targeting improvements in quality of life the same.

KEYWORDS: Gymnastics; Down Syndrome; Education.

INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down (SD) é uma alteração genética conhecida como Trissomia do cromossomo 21, que tem como características algumas alterações nos níveis físicos e mental¹, tais como a baixa estatura¹, hipotonia e hiperflexibilidade muscular², pouca coordenação dos movimentos³, instabilidade atlanto-axial^{3,4}, além de cardiopatias congênitas⁵. Ainda não se sabe exatamente o que gera uma criança com SD, mas já se conhece alguns fatores que podem contribuir para essa anomalia, como: exposição ao raio x, problemas hormonais, idade avançada da mãe e até mesmo uso de certas drogas².

A pessoa com SD apresenta na maioria dos casos uma deficiência mental de leve a moderada³ e lentidão no aprendizado da linguagem, tanto escrita quanto falada⁶. Tais características que acometem a pessoa com SD não impedem o seu desenvolvimento tanto motor quanto intelectual, pelo contrario, as pessoas com SD mantêm seu nível de desenvolvimento em constante evolução, sendo assim, apenas a lentidão diferencia a capacidade de aprendizagem da pessoa com SD se comparada a uma sem esta síndrome⁷.

Com isso, é de suma importância encontrar meios que proporcionem melhor desenvolvimento físico e mental para pessoas com SD, pois assim estas poderão se tornar mais independentes e ter melhor qualidade de vida. No entanto, apesar das pessoas com SD possuírem características parecidas umas com as outras, elas crescem e se desenvolvem de maneira única, tanto motora quanto intelectualmente e isso é resultante das relações que as mesmas estabelecem com o meio em que vivem e dos estímulos advindo deste⁷, ou seja, as relações familiares, escolares, de lazer, formação, entre outros.

Por isso é necessário que se encontre maneiras e métodos de estimular as habilidades básicas de pessoas com SD, levando em consideração o desenvolvimento global de cada um e suas especificidades. Neste contexto, a ginástica pode ser um instrumento de incentivo ao desenvolvimento geral de crianças com SD, já que quando aplicada como conteúdo curricular pode proporcionar benefícios aos seus praticantes, entre eles: melhora do equilíbrio dinâmico, do domínio corporal, do desenvolvimento motor, da consciência corporal, da flexibilidade, da resistência, da sociabilidade, da força, dentre outros⁸.

Para que esses benefícios sejam absorvidos da melhor maneira possível, e com melhor qualidade é extremamente importante que o profissional mediador (professor de educação física) se qualifique e detenha conhecimentos necessários não apenas sobre as diferentes modalidades gímnicas, mas principalmente das necessidades adaptativas deste conteúdo para esta deficiência, uma vez que a SD está associada à instabilidade atlanto-axial (IAA), com prevalência de 10% a 30%⁴ nesta população, o que pode limitar a sua prática.

Destarte, este estudo objetivou refletir sobre esta temática por meio da investigação de como é aplicado o conteúdo das diferentes ginásticas em uma Escola de Educação Especial para crianças com SD, no Baixo Amazonas.

METODOLOGIA

Caracterização da Pesquisa

Trata-se este de um relato de estudo de caso, descritivo, que se utilizou da pesquisa de campo para obtenção dos dados. Aplicou-se a abordagem qualitativa para interpretação dos mesmos, já que o foco aqui é amplo e não quantificável.

População e Amostra

A população da amostra foi constituída por 15 alunos com de Síndrome de Down (SD) e 2 professores de Educação Física, todos pertencentes à Instituição de Educação Especial investigada, na região do Baixo Amazonas.

A delimitação da amostra se deu por conveniência e os critérios para inclusão dos professores foi de ministrarem aula para alunos com SD e terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e, para os alunos com SD, participarem frequentemente das aulas de Educação Física e terem o TCLE assinado pelos seus responsáveis legais. Assim, constituíram-se em sujeitos desta pesquisa 2 professores de educação física e 10 crianças com SD. Idade e sexo não constituíram fator de exclusão/inclusão na pesquisa.

Instrumentos utilizados

Para coleta dos dados utilizou-se da observação não participativa das aulas de Educação Física (diário de observações) e de entrevista semiestruturada junto aos professores investigados. O roteiro de entrevista apresentou apenas cinco perguntas, a saber: 1. Identificação pessoal (idade, sexo, formação, experiência na área, dados da turma que ministra aula); 2. Você conhece as modalidades

gímnicas? Quais?; 3. Você trabalha com o conteúdo das ginásticas (artística, rítmica, acrobática e de trampolins) nas suas aulas de educação física nesta instituição? Por quê?; 4. Quais as estratégias adotadas para ensino dos conteúdos de educação física aos alunos com SD? 5. Há alguma restrição quanto à aplicação do conteúdo das ginásticas para esta população (com SD)? Explique.

Coleta dos dados

Foi solicitada a autorização da instituição para que se pudesse desenvolver a pesquisa. Após, foi entregue o TCLE aos professores de Educação Física e para os responsáveis legais dos menores com SD, para que estes tomassem conhecimento sobre o estudo do qual iriam participar.

As entrevistas aconteceram em horário e dia pré-agendados e foram gravadas para serem transcritas posteriormente. Já as observações aconteceram durante um mês, sendo duas aulas por semana no turno matutino e duas aulas no turno vespertino. Optou-se por não fazer fotos nem vídeos para interferir o menos possível na realidade estudada. As observações mais pertinentes foram anotadas em um diário de campo para serem trabalhadas juntamente com os dados coletados na entrevista.

Análise dos dados

Os dados foram analisados qualitativamente, buscando responder ao objetivo proposto e refletir sobre a realidade local. De acordo com Neves⁹, a pesquisa qualitativa possibilita o entendimento do fenômeno de acordo com a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir disto, se interpretar o fenômeno analisado. Tal interpretação seguiu o processo indutivo, característica básica deste tipo de pesquisa¹⁰.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando facilitar o entendimento deste, os resultados e as discussões foram apresentados de acordo com as temáticas desta pesquisa.

Características da amostra

Quanto aos alunos com SD, a amostra caracterizou-se por 10 alunos, de ambos os sexos, na faixa etária de 11 a 40 anos. Em relação aos professores, um era do sexo masculino, com 25 anos de idade, formado em Licenciatura em Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano – Vol.5, n.5., p.53-67 – Abr/Jun, 2015 – ISSN 2238-2259

Educação Física e atuante na área de educação física adaptada a 3 anos; e o outro, do sexo feminino, com 24 anos de idade, formado em Licenciatura em Educação Física e atuante na área de educação física adaptada a 3 meses.

Conhecimento sobre as modalidades gímnicas e estratégias de ensino utilizadas

Os entrevistados apontaram conhecer superficialmente as diferentes modalidades gímnicas, citaram apenas a ginástica artística e a ginástica rítmica como desportos ginásticos e reforçaram que estas duas são conteúdos possíveis de ser trabalhados na instituição investigada. Quando se fala em modalidades gímnicas deve-se lembrar de que no contexto escolar ou educacional são necessárias as adequações das mesmas quanto à estruturação didático-pedagógica.

Neste sentido, o ideal seria que, na instituição em questão, fosse inicialmente trabalhada a ginástica geral (GG), já que esta denota características mais ampliadas e seu foco está na socialização e na experimentação, pois é a única modalidade não competitiva, que proporciona uma orientação para o lazer, agrega várias modalidades de ginástica (artística, rítmica, aeróbica, etc) e mistura, em seu repertório, a dança, a mímica, o teatro, o folclore e os jogos de forma livre e criativa¹¹.

Durante o processo de observação das aulas, verificou-se que a ginástica rítmica (GR) foi a mais trabalhada, mas sua aplicação e formatação a descaracterizaram, configurando-se em GG, apesar desta não ter sido citada pelos professores participantes da pesquisa. O estilo de ensino utilizado pelo professor não levou em consideração as peculiaridades da turma, utilizando-se apenas do estilo por comando – de acordo com o Espectro de Estilo de Ensino de Muska Mosston –, no qual a aprendizagem acontece por imitação¹².

Quando pensamos em atividades direcionadas a indivíduos com SD devemos levar em consideração que estes apresentam um atraso mental que dificulta a interpretação das informações, sendo necessária a utilização de um maior número de estratégias informativas para que a pessoa com SD possa executar adequadamente a tarefa que lhe foi passada. De acordo com Maueberg-de-Castro¹³, o estilo de ensino ideal para se trabalhar com populações que apresentam deficiências, seriam as duas categorias de método de ensino resumidas por Sherril, Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano – Vol.5, n.5., p.53-67 – Abr/Jun, 2015 – ISSN 2238-2259

o método regular e o método inclusivo. Segundo a autora, o método regular (tradicional) é adequado a turmas homogêneas, que apresentem padrões de aptidão relacionados à saúde idênticos para todos e o *feedback* é corretivo – por exemplo atletas paradesportistas; já o método inclusivo (não tradicional), é voltado para grupos heterogêneos, os resultados são percebidos por meio de comparações antes e depois com o próprio indivíduo, o feedback é facilitador e escolhas são dadas para que as tarefas propostas sejam cumpridas. Podemos citar para este último método as aulas de GG ou de qualquer outra ginástica para crianças com SD, já que pelo que foi observado, a orientação da aula estava enfatizando oras o sucesso individual e oras a cooperação, mas não ficou claro qual era o objetivo real da aula que estava sendo ministrada.

Ressalta-se que esta ênfase citada no parágrafo acima não caracteriza que o professor ministrante se valeu do método inclusivo ao ministrar sua aula, apenas que havia momentos na aula em que os alunos interagiam entre si e outros em que o aluno executava a tarefa sozinho, mas apenas baseado na demonstração do professor, copiando o movimento apresentado.

Complementando este pensamento, De Rose Jr.¹⁴ relata o cuidado que o professor/mediador inicialmente deve apresentar ao repassar as informações durante as atividades, procurando sempre fazê-la de maneira mais clara possível, uma vez que crianças com SD possuem dificuldades em realizar abstrações. De tal modo, o autor aponta que o professor ao ensinar uma tarefa motora, deve buscar concisão em suas informações e o ideal é que seja colocada apenas uma informação por vez, devem-se utilizar diferentes vias de comunicação e enfatizar exemplos concretos, explorando diferentes meios para passar a informação. “Além da instrução verbal, o movimento a ser executado deve ser demonstrado para o aluno (o que ajuda a torna-lo concreto), e, em algumas situações, o professor pode favorecer o aluno também com instruções cinestésicas, fazendo com que o aluno sinta inicialmente o movimento a ser executado”¹⁴.

É importante destacar que, independente da deficiência e do grau de comprometimento motor e cognitivo, o professor deve deter conhecimentos a respeito da deficiência com a qual está trabalhando para que possa, assim, criar meios para adaptar metodologias que atendam as necessidades do aluno, objetivando, deste modo, o desenvolvimento contínuo e a integridade do mesmo¹⁵.

As diferentes ginásticas como conteúdo das aulas de educação física adaptada

As aulas de educação física adaptada devem ser ambientalizadas tal qual uma aula de educação física, para que a criança se interesse pelo conteúdo a ser ministrado. Quando pensamos nas diferentes modalidades gímnicas, devemos levar em conta o ambiente como potencializador no processo ensino-aprendizagem. Os aparelhos e/ou materiais alternativos/adaptados utilizados e as músicas são constituintes deste ambiente das ginásticas.

Fitas, bolas, arcos, cordas e maçãs coloridas são atrativos para prender a atenção da criança e fazê-los se interessar pelo conteúdo gímnico. Além disso, o desafio de andar sobre uma trave de equilíbrio baixa ou de se pendurar na barra fixa também são instigadores para os alunos com SD. Apesar de ter sido observada apenas a ministração de uma aula de ginástica, no caso a rítmica, o encantamento dos alunos com SD pelo aparelho fita ficou evidente. Eles observavam o movimento da fita no ar, os desenhos que se formavam e tentavam imitar o movimento apresentado pelo professor.

A música é outro fator constituinte das ginásticas e que deve ser levado em conta no processo de ensino-aprendizagem, pois é através da mesma que se poderá trabalhar os tempos rítmicos, as noções de espaço-tempo, o condicionamento do ritmo interno com o externo e a expressão corporal. O trabalho rítmico, por meio da música, percussão corporal e da dança (todos os elementos que integram a GG) permitem a descoberta do próprio corpo e de suas possibilidades de movimento, estimulam a criatividade, motivam, tornam a atividade prazerosa¹⁶, o que se reflete no desenvolvimento das capacidades cognitivas e motoras dos alunos com ou sem SD. Vale salientar que o trabalho rítmico com esta população deve estar voltado para o lúdico, uma vez que estes apresentam dificuldade em acompanhar adequadamente os sons, devido ao desenvolvimento do sistema nervoso central ser mais lento, o que resulta em uma percepção do ritmo e execução de movimento descompassada.

Nas observações feitas na escola investigada, as músicas eram utilizadas apenas em algumas aulas e não estava presente na aula de ginástica rítmica. Esta falha na aplicação do conteúdo gímnico demonstra a falta de experiência e

despreparo do professor sobre o mesmo, que acabou por deixar que os principais benefícios que aquelas atividades poderiam proporcionar passassem sem que os alunos pudessem absorver de forma mais célere e adequada, considerando-se sua deficiência.

Neste sentido, sem negar o aprendizado técnico das atividades, o professor deve possibilitar a vivência e o aprendizado de outras formas de movimentos realizados nas aulas, levando em consideração as experiências do aluno, além disso, o professor precisa promover também as relações efetivas fundamentais baseadas na confiança, aceitação e respeito para que se possa atingir também o desenvolvimento da autonomia do deficiente na prática. As diferentes ginásticas podem possibilitar essas experimentações e podem se constituir em instrumento importante no desenvolvimento das crianças com SD. A ginástica artística, como bem coloca Severgnini e Busto⁸, é uma das ginásticas que possibilita melhorias nas qualidades físicas e psíquicas a partir da aprendizagem dos movimentos, pois faz com que o aluno controle o medo, desenvolva o domínio corporal, o equilíbrio e a autoconfiança para executar outras tarefas motoras, o que os possibilitará maior autonomia no dia a dia.

Independente de qual modalidade gímnica que se venha trabalhar, “todas as atividades devem conter certo nível de liberdade, prazer e flexibilidade para a criatividade”¹³. Cabe ao professor, então, programar as atividades adaptadas e se preparar para, no decurso delas, atender as especificidades e limitações apresentadas por cada aluno, sempre o motivando a participar, interagir e criar.

É de fundamental importância que o profissional que pretende trabalhar com as ginásticas busque qualificação, principalmente se o público a ser atendido for de crianças com deficiências, uma vez que esse profissional precisa estar apto a realizar atividades adaptadas, saber sua importância no desenvolvimento da criança com deficiência, seus efeitos para a melhoria das condições de vida dessas pessoas e a sua contribuição para os processos de inclusão das mesmas na sociedade.

As diferentes ginásticas e a SD

Pouco se fala da prática das ginásticas nas escolas de educação especial e, por esta modalidade exigir de seus praticantes várias habilidades motoras, são caracterizadas como esportes de grandes dificuldades de execução. Com isso, Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano – Vol.5, n.5., p.53-67 – Abr/Jun, 2015 – ISSN 2238-2259

muitos veem as ginásticas apenas como um esporte de alto rendimento, no qual uma pessoa só terá sucesso se iniciar sua prática precocemente, esquecendo-se que as mesmas possuem repertório riquíssimo de movimentos que, aplicados de maneira pedagógica, contribuem para o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos.

Na escola investigada os alunos com SD se mostraram bastante empolgados nas aulas de ginástica rítmica e de dança, porém, foi possível verificar que este conteúdo não é aplicado com frequência, às dificuldades apresentadas são muitas, mas ainda falta compromisso da própria escola na apropriação dessa prática que tanto contribui para o desenvolvimento do aluno. A escola tem o papel de propulsora no aumento de ações para a efetivação de conteúdos que busquem desenvolver o aluno globalmente, principalmente quando falamos de escolas de educação especial, já que estas devem minimizar as diferenças entre os alunos por meio de adaptações nos seus espaços e contratação de equipes multidisciplinares para atender as demandas das deficiências que atende. Corroborando com isso, Mayeda¹⁷ afirma que muitas vezes não é a deficiência que limita a participação do aluno nas aulas de ginásticas, mas a falta de local adaptado e de profissionais qualificados.

Quando se fala de Síndrome de Down é necessário entender os acometimentos que esta causa nas pessoas que a possuem para que a atividade de ginásticas possa ser ministrada de maneira segura e eficiente. As características que poderão interferir na prática das atividades físicas, referentes à SD, são: hipotonia muscular e hiper mobilidade articular generalizada, instabilidade atlanto-axial (IAA), obesidade, distúrbios cardíacos, deficiência imunológica, alterações no equilíbrio e na visão e deficiência cognitiva¹⁴.

As ginásticas podem contribuir no fortalecimento da musculatura, já que os exercícios propostos muitas vezes são feitos com o peso do próprio corpo, tanto em apoios como em suspensões, o que possibilitará um aumento no tônus muscular, protegendo as articulações. Borssatti, Anjos e Ribas¹⁸ apontam estudos que mostram que exercícios lúdicos de força melhoram a marcha e controlam a obesidade em pessoas com SD, promovendo resultados positivos no desenvolvimento motor e nos domínios cognitivos.

É evidente que as ginásticas requerem níveis de flexibilidade aumentados, mas o quadro apresentado pela criança com SD, se não trabalhado adequadamente, poderá gerar lesão devido a grande instabilidade articular. Desta forma, a orientação para a execução dos exercícios é de fundamental importância para que haja a preservação das estruturas corporais dos alunos.

Quando questionados sobre as restrições quanto à aplicação do conteúdo das ginásticas para crianças com SD, as respostas foram distintas entre os professores. O professor mais experiente citou a IAA como um limitador para a prática e o outro professor (menos experiente), disse não haver nada que restringisse a aplicação deste conteúdo. A IAA requer atenção do professor quando se trata dos conteúdos de ginásticas, já que a instabilidade pode levar a uma lesão medular cervical, gerando comprometimento neurológico, como fadiga fácil, alterações na marcha, espasticidade e hiper-reflexia, entre outros⁴. Por isso é fundamental se ter uma equipe multidisciplinar a disposição, já que o ideal seria a criança com SD passar por exames clínicos para que fosse identificada a presença de IAA e o grau de comprometimento, para somente depois se iniciar a prática das ginásticas.

É importante salientar aqui que detectada a IAA ela não impede que a pessoa com SD faça qualquer tipo de atividade física ou desporto, mas requer que se evitem exercícios de impacto, ou grande mobilidade, nessa região^{4, 14}. Deste modo, o professor de educação física deve ter o laudo médico antes do início das atividades de ginásticas, principalmente a artística, acrobática e de trampolins para poder adequar as mesmas as especificidades de cada aluno, minimizando os riscos a saúde dos mesmos e potencializando seu desenvolvimento.

A alteração no equilíbrio é outra característica presente na pessoa com SD, e as ginásticas podem contribuir para minimizar isso. Em pesquisa desenvolvida por Severgnini e Busto⁸ foi comprovado que a ginástica artística melhorou o equilíbrio dinâmico de crianças com deficiência mental, além disso, De Rose Jr.¹⁴ aponta que programas de atividades físicas e estimulação precoce podem minimizar este déficit. As ginásticas trabalham em suas rotinas muitos exercícios que requerem equilíbrio estático e dinâmico que, aplicados ludicamente, podem vir a trazer melhoras na postura e na locomoção de pessoas com SD.

Apesar do amplo leque de benefícios propiciados pelo trabalho com as modalidades gímnicas, apontados pela literatura, são poucos os estudos na área de atividade motora adaptada que relacionam as diferentes ginásticas com a Síndrome de Down, sendo esta uma limitação deste estudo. Outra limitação que pode ser apontada é o fato de no período de observação ter sido aplicada uma única aula de ginástica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como as ginásticas são aplicadas para crianças com SD no Baixo Amazonas ainda é muito precária, deixando a desejar em muitos fatores, com destaque para o processo didático-pedagógico. O conteúdo deve ser aplicado para essas crianças com total comprometimento com o desenvolvimento global do indivíduo, respeitando o ritmo de cada um e levando sempre em consideração suas limitações.

É de extrema importância que o profissional (professor de educação física) busque sempre se capacitar para que tenha meios de como repassar o conteúdo da forma mais clara a ser entendida pelo aluno e que tenha consciência que cada pessoa se desenvolve de forma única, buscando, assim, criar estratégias para driblar qualquer eventualidade e proporcionar melhores formas para estimular seu desenvolvimento, motivando-os mesmo quando estes se negarem a participar das aulas.

Vale ressaltar que mesmo que o professor busque a melhor capacitação, isto ainda não será o suficiente para suprir todas as necessidades de uma pessoa com SD. O ideal é que em cada centro de ensino que trabalhe com essa deficiência tenha uma equipe multidisciplinar para auxiliá-lo, uma vez que cada aluno pode apresentar limitações diferentes, tanto físicas quanto intelectuais, por isso a necessidade de recursos específicos pessoais e materiais.

Portanto, com este trabalho pode-se afirmar que é possível se trabalhar as ginásticas como conteúdo educacional em escolas de educação especial com pessoas com SD, objetivando a inserção das mesmas neste ambiente, sua inclusão na sociedade e, conseqüentemente, melhoras na sua qualidade de vida. Deixar de ministrar tal conteúdo é limitar as possibilidades de experimentação e aprendizagem motora dessa população, restringindo o seu potencial de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Diaz F, Bordas M, Galvão N, Miranda TV, Santos ES. Educação Inclusiva, Deficiência e Contexto Social: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA; 2009.
2. Furlan S, Moreira VAV, Rodrigues GM. Esquema Corporal em indivíduos com Síndrome de Down: uma análise através da dança. Rev Mackenzie Ed Fís Esp. 2008;7(3):235-243.
3. Vieira MM, Reis MO, Aleixo IMS. Análise do efeito da frequência reduzida de conhecimento de resultados (CR) na aquisição de habilidades motoras em indivíduos com e sem Síndrome de Down. Rev Sobama. 2013; 14(2):15-20.
4. Boëchat MCB, Silva KS, Junior JCL. Instabilidade Atlanto-axial na síndrome de Down: o que o radiologista precisa conhecer? Ver. Imagem. 2006; 28(3): 171-179.
5. Pérez EJP. Estrategia educativa dirigida a la família para la promocion de salud em niños com Síndrome Down. Rev Cub Med Gen Int. 2013; 29(3):301-311.
6. Paiva ACS, Santos VM, Volp CM. Cia. Éxciton e sua arte educação: diálogos possíveis. Rev Fac Social da Bahia. 2003; 2:89-93.
7. Silva RNA. A educação especial da criança com Síndrome de Down [monografia]. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida; 2002.
8. Severgnini R, Busto RM. A influência da Ginástica Olímpica sobre o equilíbrio dinâmico em alunos deficientes mentais. In: Novos Rumos da Educação Especial [CD-ROM], 2002; Londrina. Londrina: Ed. UEL; 2002. p.921-925.
9. Neves JL. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. Cad Pesq Adm. 1996; 1(3):1-5.
10. Ludke M, André MEDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária; 1986.
11. Garcia MM, Vilete AOP, Sá MGCS, Chicon JF. A prática da ginástica geral para jovens e adultos com deficiência intelectual: a experiência do LAEFA/CEFD/UFES. Conexões. 2012; 10(especial):39-55.
12. Nanni D. Dança Educação: pré-escola à Universidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Sprint; 2003.
13. Maueberg-de-Castro E. Atividade Física Adaptada. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd; 2005.

14. De Rose Jr. D.(org.) Esporte e Atividade Física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
15. Gimenez R. Atividade motora para indivíduos da Síndrome de Down. Rev Dig EFDeportes [Internet]. 2007 [acesso em 2014 jul 05]; 113:1-7. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd113/atividade-motora-sindrome-de-down.htm>
16. Artaxo I, Monteiro GA. Ritmo e Movimento: teoria e prática. 4. ed. São Paulo: Phorte; 2008.
17. Mayeda S. Uma proposta de ginástica geral para deficientes físicos. Mov & Percep. 2004; 4(4/5):55-73.
18. Barssotti F, Anjos FB, Ribas DIR. Efeitos dos exercícios de força muscular na marcha de indivíduos portadores de Síndrome de Down. Fisioter Mov. 2013; 26(2):329-335.